

# O dilema americano

JORNAL DO BRASIL

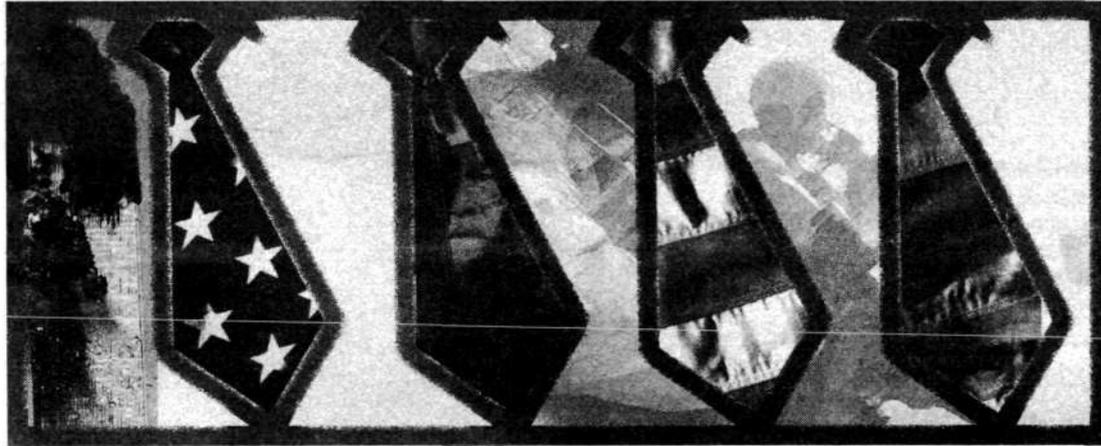
08 FEV 2008



**José Sarney**  
EX-PRESIDENTE DA  
REPÚBLICA

Passa o carnaval e temos de sair do sonho da alegria para a realidade que nos cerca. Com um mundo globalizado, tudo que se passa em qualquer lugar e em qualquer hora está dentro de nossa casa. Já longe estão os tempos das *Cartas de Inglaterra* do Eça de Queiroz, em que o importante é o que ocorre na esquina.

Nenhum presidente dos Estados Unidos deixa o país com um saldo de fracassos e um beco sem saída como o presidente George W. Bush. Eleito nas asas da Corte Suprema dos Estados Unidos e nas sombras de fraude eleitoral na Flórida, num sistema eleitoral que não elege pelo voto popular e sim por delegados, Bush exercia o poder sem nenhuma legitimidade. Quem a deu foi Osama Bin Laden, no desvario do terror com os atentados das Torres de Nova York



Arte Kiko

e do Pentágono. Dele se valeu o presidente americano para fazer politicagem explorando o próprio terror, com a criação em seu país de um clima de guerra que estava somente na sua cabeça. Manteve a nação em suspense, inventando a cada dia ataques que não aconteciam, criando um patriotismo que chegava às raias do ridículo – as gravatas eram bandeiras americanas – e, com isto, entre alarmes de amarelo e vermelho e uma linguagem de guerra e ameaças, reelegeu-se.

Pior do que tudo isso: encontrou os Estados Unidos como uma isolada e única superpotência, fato inédito em toda a História da humanidade, e jogou tudo fora. Em vez de liderar o mundo para, através da cooperação e da solidariedade, acabar com o terrorismo, resolveu acertar contas com um ditador execrável e cruel, Saddam Hussein (“que quis matar papai”) provocando uma guerra sob a alegação de armas de destruição em massa que nunca existiram e

agora está numa situação insólvel, igual à do Vietnã, que já custou milhares de vidas de jovens americanos e de onde não sabe como escapar.

Afastou a Europa, fez renascer a Rússia imperialista, deu à China condições de disputar a hegemonia econômica, gastou trilhões de dólares americanos em armas. Tendo recebido de Clinton – aliás um ótimo presidente – um superávit de US\$ 230 bilhões, com uma previsão de superávit de US\$ 5,6 trilhões

em 10 anos, igual à dívida total, o crescimento de 50% em termos reais do PIB, entrega o país numa crise econômica que derruba os mercados do mundo inteiro, com US\$ 9,2 trilhões de dívida pública.

Ainda bem que a força dos Estados Unidos renasce sempre. Veja-se agora o simbolismo de um negro, filho de um queniano, disputar com uma

## Nenhum presidente dos EUA deixa o país com um saldo de fracassos como George Bush

mulher brilhante a Presidência do país. Um ou outro é uma demonstração da força das instituições americanas.

Queira Deus venha o dia em que possamos ouvir de um deles, como profecia, o chamamento do poeta Walt Whitman: “Welcome, Brazilian brother – thy ample place is ready”.

902 W 111

Sarney, Joe